

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Moraes: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribereite: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Edyta Jabłonka
Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej

Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco

Porque o homem é só o seu futuro.
Vergílio Ferreira, *Para Sempre*

Resumo:

O presente estudo tem como objectivo principal apresentar os tempos futuros portugueses e os seus equivalentes polacos. Comparando as formas provenientes do romance *Para Sempre* de Vergílio Ferreira e *O Número dos Vivos* de Hélia Correia, tentamos descrever as principais funções assumidas pelos tempos futuros. Em português, o futuro pode ser expresso por várias formas verbais – simples e compostas. Neste estudo descrevemos então os empregos do futuro imperfeito, das construções perifrásticas com os verbos *ir* e *haver*, e o futuro composto, sublinhando o valor temporal de posterioridade em relação ao momento da enunciação, sempre incluído nestas formas. Analisamos as diferenças entre os tempos do futuro que são não só de natureza temporal, mas também de natureza aspectual de grande importância. São sobretudo as formas do futuro imperfeito, as formas perifrásticas com o verbo *haver* e as formas do futuro composto que apresentam mais variedades, pois indicam diferentes valores: de dúvida, de suposição, de desejo, de probabilidade, de incerteza ou de obrigação. Reparamos que a futuridade

em português pode dispor de diferentes formas de expressão aspectual e modal, que em polaco devem ser substituídas por outras formas, neste caso o passado ou o condicional.

Palavras-chave: tempos gramaticais, aspecto, futuro, português, polaco.

Abstract:

The future tenses in Portuguese and their equivalents in Polish

The main objective of this following paper is to present the Portuguese future tenses together with their Polish equivalents. On the basis of the examples taken from Vergílio Ferreira's novel *Para Sempre*, we are trying to describe the main functions of the future tenses. In Portuguese, the future can be expressed by different forms of the verb: simple and complex ones. In our work, we describe the use of imperfeito tense, the periphrastic verbal structures and the future simple tense. Not only do we analyze the variety of different grammatical tenses but we also explain the intricacies of aspect and modality (expressing the uncertainty, wish, probability or obligation). It is important to notice that in Polish, some future forms in Portuguese are replaced by the past forms or by the subjunctive.

Keywords: gramatical tenses, aspect, future, portuguese language, polish language.

O futuro tem sido ultimamente objecto de vários estudos, o que se deve à sua origem especial. Este tempo verbal possui nas línguas românicas várias formas e uma das suas características principais, que predomina mesmo na investigação, é a característica do futuro como „tempo-modo” (Paiva Boléo, 1974: 108), graças ao seu uso modal muito frequente¹.

Se o futuro é um tempo posterior ao presente, podemos supor que o locutor possui alguma informação que se refere ao futuro, prevê um estado de coisas que lhe permite predizer o que vai ocorrer. Daí resulta uma abertura para os mundos ou histórias possíveis, que servem

¹ Encontramos a mesma situação nas línguas europeias, p. ex. o inglês, o romeno, o sardo (Oliveira, 1985: 355).

para o locutor escolher um deles, assim relevando as suas intenções e os seus planos, baseados nos seus conhecimentos do mundo. Cada acontecimento posterior ao momento da enunciação pode verificar-se ou não, em dependência dos planos do locutor, dos conhecimentos de leis ou tendências naturais pressupostas. Assim nasce o efeito pragmático do futuro que estrutura „uma certa escala de graus de certeza correlativos a diferentes tipos de entoação” (Oliveira, 1985: 356).

Quanto à análise comparativa do futuro português e polaco, devemos destacar as publicações de B. Hlibowicka-Węglarz (1998, 1999) que analisou os empregos temporais e modais do futuro do Indicativo em português e em polaco.

O futuro dos verbos polacos imperfectivos tem a forma composta: é a forma do futuro do verbo ser seguida quer do infinitivo, quer do particípio activo do tempo passado, com as formas diferentes para os três géneros no plural (masculino, feminino, neutro) e dois no plural. Os verbos perfectivos acentuam o facto de concluir o acontecimento, marcam o fim que é um fenómeno momentâneo e não pode durar. Por isso, os verbos perfectivos não são empregues no presente, possuem só o tempo passado e o tempo futuro. O futuro dos verbos perfectivos tem a forma simples, igual às formas do presente dos verbos imperfectivos correspondentes. Segundo B. Hlibowicka-Węglarz (1999), as formas perfectivas são mais interessantes para a análise porque podem assumir duas funções diferentes: exprimir o futuro e o “não-futuro”, i.é., a forma que designa os processos que não ocorrem, cuja realização é apenas possível. No presente estudo, decidimos analisar os tempos futuros portugueses comparando-os com as formas polacas, com base nos exemplos provenientes dos romances de Vergílio Ferreira e Hélia Correia.

1.0 Futuro sintético

Se se trata do emprego temporal do futuro simples, ele é bastante restrito, sobretudo na língua falada. A língua portuguesa prefere substituir o futuro do Indicativo por construções perifrásticas com os ver-

bos auxiliares *ir* e *haver*. No entanto, estas formas não podem, em alguns casos, ser substituídas pelo futuro sintético do indicativo, sem modificação do significado de todo o enunciado. O futuro sintético é mais frequente na língua escrita, enquanto o futuro perifrástico se emprega muito na língua falada corrente e na língua popular, e é usado também na literatura.

Uma questão de grande importância é a de estudar o futuro como um tempo enquanto ele se refere a uma ausência do tempo. Distingue-se também um futuro „aproximativo”, pelo qual o falante pretende que um acontecimento linguístico lhe seja referido aproximadamente. Geralmente, todas as formas do futuro situam os processos descritos como posteriores ao momento da enunciação T_0 .

As formas do futuro acompanham muitas vezes as formas do presente empregue para exprimir o passado (histórico ou de narração).

1. *Terás cama e comida e uns tostões pelas festas. Roupas não faltarão, que a menina tem muito e farta-se depressa. (...) Eu lhe darei razões para te deixar ir.* (CNV: 14)

Będziesz miała łóżko i jedzenie, i parę groszy w czasie świąt. Ubrań nie zabraknie, jako że panienka ma ich dużo i szybko się nudzi. (...) Ja jej dam powody, dla których powinna pozwolić ci pojechać.

Neste exemplo, podemos observar que em ambas as línguas foram empregues as formas do futuro. Na versão polaca, usam-se a forma composta do verbo imperfeito *ter* (*mieć*) e as formas simples dos verbos perfectivos *faltar* e *dar* (*zabraknąć*, *dać*). Contudo, na língua portuguesa, o valor modal do futuro é muito mais frequente do que o valor temporal. Este emprego modal explica-se pela própria natureza do futuro que descreve os processos que ainda não se realizaram, nem se realizam: emprega-se para indicar factos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala, para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre factos actuais ou como forma polida do presente. Quando a realização depende de várias condições ou não se tem a certeza absoluta da realização, usa-se muito frequentemente a forma simples.

Em outras palavras, o futuro simples pode exprimir um maior grau de incerteza.

O futuro é sempre modalizado, pois o processo que está para vir escapa à prova da verdade, pois de um acontecimento que ainda não se produziu, não se pode dizer se ele é verdadeiro ou falso, excepto os eventos já existentes na escrita antes de se realizarem na realidade (Mateus *et al.*, 1989: 46). É necessário então que o enunciador garanta a realização de um acontecimento (o futuro categórico), senão, o futuro ganha valores modais. O futuro linguístico exprime sempre, associadamente a um valor temporal, um valor modal de não factua-lidade (Mateus *et al.*, 1989: 86).

É necessário mencionar que M. de Paiva Boléo (1974) distinguiu vários valores modais do futuro. Um dos valores é o „concessivo”, graças ao qual o falante não concorda mas concede (sem convicção):

2. *Farás como quiseres.* (CNV: 131)

Zrobisz jak zechcesz.

Neste caso, em polaco também usamos a forma do futuro, porém, a forma perfectiva, o que pressupõe que a acção vai ser realizada. Portanto, no caso do emprego „dubitativo”, que serve ao falante para exprimir a dúvida, a incerteza em relação aos factos descritos (combina-se às vezes com as palavras *talvez* e *porventura* pós-postas exprimindo uma suposição), parece-nos melhor usar em polaco a forma do presente do Indicativo:

3. *Não reconheço a cantiga – virá já da minha infância* (FPS: 13) (Talvez venha da minha infância.)

Nie rozpoznaję piosenki – zapewne pochodzi z mojego dzieciństwa.

Distinguímos ainda o futuro „intimativo” que é capaz de substituir as formas do imperativo, assim como o futuro „aproximativo” que exprime a referência apenas aproximada a um acontecimento.

4. *Que horas serão agora?*

Która to może być teraz godzina? / Która to jest teraz godzina?

Reparemos que as nossas traduções exprimem os mesmos valores. Entretanto, parece-nos preferível e mais adequado o uso do verbo modal (poder / *móc*) ou o uso do presente do Indicativo.

Todos estes casos que acabamos de apresentar exprimem a modalidade. É inegável que o futuro pode expressar informações com uma forte modalização, também a modalização de possibilidade muito provável e as leis naturais que pertencem ao domínio do necessário (Oliveira, 1985: 366).

5. *O sol nascera amanhã às sete horas.*

Słońce wzjejdzie jutro o siódmej.

No exemplo acima citado, em ambas as línguas usamos as formas do futuro. Em polaco, é preferível a forma simples que exprime o aspecto perfectivo.

Reformulando, o futuro sintético, na maioria dos casos, possui um forte componente modal, que é inseparável dos componentes temporais desta forma verbal. Não podemos esquecer-nos também de que este tempo é muito frequente na língua escrita, enquanto o seu emprego na língua falada é muito escasso.

2.0. Futuro perifrástico (verbos *ir* e *haver* seguidos de infinitivo)

Nesta parte, analisaremos os empregos das formas perifrásticas da língua portuguesa cujo papel principal é o de expressar o futuro.

Passemos então ao emprego da construção perifrástica *ir* seguida de infinitivo. Parece-nos necessário explicar o processo que deu origem ao verbo *ir* como auxiliar de futuro. Este verbo é seguido de um infinitivo final, que exprime o objecto da intenção envolvida em *ir*, mas este objecto remete para um estado de coisas que só poderá ter lugar depois da acção de *ir*. Daí a importância da presença de três traços comunicativos fundamentais: os que exprimem „movimento” e „intenção” contidos no verbo *ir* e o traço „futuro”, que exprime o objecto desta acção (Pinto de Lima, 2001: 125). Depois,

com o passar do tempo, os dois traços semânticos iam desaparecendo, só o traço „futuro” progrediu, por isso no português actual o verbo *ir* é apenas auxiliar.

Esta construção perifrástica emprega-se sobretudo na língua falada. A forma com o verbo auxiliar *ir* foi chamada futuro próximo, no entanto, o que diferencia a forma simples da forma do futuro próximo, não é o afastamento do processo do tempo: é a parte que toma o locutor na realização desse acontecimento. Se um acontecimento já está completamente programado, o locutor tem a certeza de que a acção programada vai-se realizar, é mais frequente usar o futuro perifrástico. As frases seguintes parecem atestar esta afirmação:

6. *Vou fazer-te existir na realidade da minha palavra.* (FPS: 48)

Sprawię, że będziesz istniała w rzeczywistości mego słowa.

Nestas frases podemos observar que as formas futuras polacas correspondentes podem ter duas formas diferentes: a simples com o valor perfectivo e a composta com o valor imperfectivo (*sprawię, będziesz istniała*).

As investigações mais recentes provam que a construção *ir* + *infinitivo* não exprime apenas o futuro próximo ou imediato. F. Oliveira (1985: 351) diz que a eminência ou proximidade no tempo advém fundamentalmente dos advérbios ou expressões adverbiais que com aquelas formas se combinam. Naturalmente, existem os localizadores temporais que são compatíveis com esta construção, como *agora, hoje, agora mesmo, neste instante, etc.*, em geral incompatíveis com a forma sintética. Portanto, a construção perifrástica muitas vezes refere-se a um futuro mais longínquo.

Quanto à construção perifrástica *haver* seguida de infinitivo, devemos mencionar que esta construção é muito frequente na língua portuguesa. O seu emprego e a sua significação são portanto muito diferentes do emprego da perífrase *ir* + *infinitivo*. É preciso considerá-las como duas formas não-equivalentes. A perífrase *haver* + *infinitivo* é uma forma que possui sobretudo características modais e traduz a intenção de realizar os processos futuros, a incerteza do

falante de que algo acontecerá, exprime também o sentido de obrigação (Cintra, Cunha, 1984: 393). Assim parece que o valor temporal está sempre ligado ao valor modal neste tipo de construção.

7. *Estou só – que é que hei-de fazer?* (FPS: 60)

Jestem sam – cóż mam zrobić?

Apesar de expressar a posterioridade em relação ao T^o, um forte componente modal está incluído no valor desta forma. Reparemos que em polaco se usa a forma perfectiva do verbo com o verbo *ter*, que exprime o carácter modal – o locutor não sabe o que fazer e pergunta a si próprio qual devia ser a solução desta situação difícil para ele.

Em alguns casos, a perífrase tem o objectivo de reconfortar o interlocutor sobre o futuro, tem a função de promessa, de vontade atenuada, mais amável, mais modesta. As formas do futuro exprimem também uma afirmação atenuada, um eufemismo, notamos também o uso „intimativo”, de obrigação moral que equivale a um imperativo.

8. *É de rebentar a rir, hás-de concordar.* (FPS: 87)

Można pęknąć ze śmiechu, musisz przyznać.

Na nossa tradução escolhemos o verbo modal *musieć*, que exprime o dever, traduz a obrigação de concordar exigida pelo locutor. Também nos parece possível usar em polaco a forma do imperativo, neste caso a frase podia ser a seguinte:

Przyznaj, że można pęknąć ze śmiechu.

Sistematizando as nossas observações sobre o futuro, podemos constatar que as suas duas formas desempenham várias funções. A forma sintética encontra-se mais vezes na escrita, enquanto a perifrástica aparece mais frequentemente na língua falada, o que não a impede de ser utilizada também nos textos literários. Quanto ao uso modal, este pertence às formas sintéticas e às perifrásticas com o auxiliar *haver*, pois as formas com o verbo *ir* limitam-se a indicar o valor temporal.

3.0 Futuro composto

Como já mencionámos, a origem dos tempos futuros constitui o objecto de investigação de vários pesquisadores². Se se trata do futuro composto, este tempo na língua latina possuía a forma simples, mas, evoluindo, *el futuro perfecto de indicativo ha pasado en portugués a futuro imperfecto de subjuntivo* (lat. *amaveris*>*amares*, lat. *debuerimos*>*devermos*, ‘*debiéremos*’) [...] *siendo sustituido [...] por una perífrasis con el futuro de indicativo de ter ‘tener’* (o menos frecuentemente *haber ‘haber’*) [...] *y el participio pasado del verbo que se conjuga: terei cantado*. (Cuesta Vázquez, Luz, 1949: 61).

É o tempo que expressa um acontecimento futuro que estará concluído antes do outro acontecimento também futuro. Esta localização encontra-se limitada pelo momento da enunciação e pelo momento da referência que é sempre posterior ao momento da enunciação. Este valor aparece em C. Cunha, L. Cintra (1984: 460): „uma acção futura estará consumada antes de outra”, além de exprimir a certeza de uma acção futura.

9. *Antes que passe a chuva, eu já terei partido.* (CNV: 50)

Zanim skończy się deszcz, już mnie nie będzie.

Nesta frase vemos bem este emprego: o locutor tem a certeza que vai partir, sublinhando a sua certeza com o advérbio *já*, antes de a chuva acabar. O verbo no futuro composto expressa um acontecimento não realizado no momento da enunciação, expressa algo que ainda fica por realizar, por isso podemos falar nesse caso de um carácter hipotético deste tempo.

O futuro composto possuía inicialmente um sentido de perfectividade num tempo posterior, depois, adaptando o carácter eventual desta localização deu origem ao distanciamento não temporal do locutor

² Cf. S. Ali (1931), P. Cuesta Vázquez, M. A. M. Luz (1949), M. de Paiva Boléo (1965), O. Lopes (1987), I. Andres -Suárez (1994), F. Oliveira (1985), A. T. Alves, (1993), M.E. Almeida (1998), J. Morais Barbosa (1998).

em relação ao acontecimento descrito, o distanciamento que exprime e uma atitude de conhecimento inseguro, de incerteza (Nunes da Silva, 1998: 119).

Entre os acontecimentos futuros e o momento presente do falante que a eles se refere, existe objectivamente uma distância intransponível. Por mais seguros e inegáveis os indícios de que algo deve acontecer, vai acontecer, há-de acontecer – a dúvida de que realmente aconteça, subsiste sempre. [...] a distância entre o facto objectivo em si, e a falta de certeza, o não saber do falante [...] entre a realidade presente do falante e a irrealidade – objectiva ou subjectiva – do facto (Irmen, 1993: 154).

A forma composta opõe-se à forma simples pelo facto de representar os estados de coisas que descreve como sendo perfectivos. A diferença é de carácter aspectual (Nunes da Silva, 1998: 115).

Portanto, o valor perfectivo não é o único possuído por este tempo, existe outro, talvez ainda mais frequente. Trata-se do valor de „incerteza, de eventualidade, de hipótese plausível aliada à perfectividade (ou preteridade) do acontecimento descrito pelo verbo” (Nunes da Silva, 1998: 116). Este carácter contrasta com o da forma simples, que afirma um acontecimento com mais segurança.

10. *Terá ido à aldeia ou à loja, não deve.* (FPS: 37)

Zapewne poszła do wsi lub do sklepu, nie powinna.

Como vemos, trata-se da perfectividade mas ao mesmo tempo os locutores manifestam a sua incerteza quanto aos eventos que, como se supõe, talvez tivessem acontecido. A perfectividade na versão polaca é expressa pela forma passada perfectiva do verbo *pójść* (ter ido).

Nos seguintes exemplos, os verbos *imaginar* e *supor* parecem sublinhar a falta da certeza do locutor, exprimem apenas uma suposição.

11. *Tenho de ir avisar a Deolinda, o filho não lhe terá dito nada? ou o neto.* (FPS: 26)

Muszę uprzedzić Deolindę, syn chyba nic jej nie powiedział? albo wnuk.

Podemos então considerar que as formas do futuro composto possuem o valor «de „perfectividade distanciada” (distanciamento do acontecimento em relação ao momento da enunciação e também do locutor em relação ao estado de coisas descrito pelo monema verbal) que se concretiza basicamente em dois sentidos: „perfectividade relativamente a um momento de referência posterior ao momento da enunciação” e „incerteza quanto a um acontecimento perfectivo em relação ao momento da enunciação.”» (Nunes da Silva, 1998: 122).

Considerações finais

Resumindo tudo o que acabámos de dizer sobre os tempos futuros, é possível afirmar que descrevem estados de coisas indeterminados se se trata da verdade no momento da enunciação. Assim, o futuro exprime, junto ao valor temporal, um valor modal de não-factualidade.

Recentemente, têm-se desenvolvido as teorias modais não-monotónicas, que se explicam assim:

Estes sistemas lógicos são lógicas em que a introdução de nova informação (axiomas) pode invalidar teoremas anteriores, isto é, dada a informação A e B à disposição de X, este formula certas hipóteses que lhe permitem fazer certas diferenças. Mas pode acontecer que nova informação altere a plausibilidade das hipóteses e portanto a conclusão D não está garantida. (...) num determinado momento, se podem tomar decisões com base em informação incompleta (...) e determinadas inferências mostrarem-se inválidas. (Oliveira, 1985: 369).

O futuro é um lugar da não-certeza, por se referir à posterioridade e por ser modalização sobre os conhecimentos que se têm no momento da enunciação, é mais próximo do modo. Várias formas do futuro possuem várias funções: o futuro simples é o mais incerto; a construção *ir + infinitivo* constitui um plano pré-estabelecido; *haver + infinitivo* é sobretudo modal; o futuro composto exprime sobretudo a perfectividade. Como demos, o locutor pode produzir efeitos prag-

máticos diferentes por empregar várias formas do futuro, dando conta de uma maior ou menor certeza perante um estado de coisas.

Ao terminarmos, vejamos a frase em que aparecem três formas futuras diferentes, o que nos permite também sublinhar o valor estilístico dos tempos futuros.

12. *Vou-te adoecer de uma doença estranha, um dia adoecerás de outra terrível que te há-de destruir, envilecer.* (FPS: 62)

Zarażę cię dziwną chorobą, pewnego dnia zachorujesz na inną, straszliwą, która cię zniszczy, upodli.

A primeira forma com o verbo *ir* parece exprimir a certeza do locutor, a segunda, do futuro imperfeito, exprime a suposição, a incerteza, e a última, com o verbo *haver*, fala da consequência, do resultado das acções anteriores. Em polaco, todas as formas são perfectivas, o que confirma as considerações de B. Hlibowicka-Węglarz (1999) acerca do carácter potencial das formas futuras perfectivas. Nesta frase, o locutor não pode ter a certeza que estes acontecimentos terão lugar, a sua realização pode ser possível, contudo, pode ser um simples desejo que nunca se realizará.

Recapitulando as nossas considerações, parece-nos possível afirmar que o futuro sintético é mais empregue na língua escrita. Na língua falada, existe uma tendência muito forte para substituí-lo pelo presente do indicativo ou pelas perífrases verbais. O futuro composto existe sobretudo na língua escrita, nos textos literários e em polaco é substituído pelas formas do passado ou eventualmente do condicional. Quanto aos valores modais, são primordiais para o futuro sintético e para a construção perifrástica com o verbo *haver*. Geralmente, as formas portuguesas têm realizações diferentes em polaco: podem ser traduzidas pelas formas do futuro, mas também do passado ou do presente. Os exemplos escolhidos do nosso *corpus* parecem confirmar todas estas observações.

Bibliografia

- ANDRÉS-SUÁREZ, Irene, (1994), *El verbo español. Sistemas Medievales y Sistema Clásico*, Madrid, Gredos.
- CUESTA, Pilar V., LUZ, Maria Albertina M., (1949, 1980), *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Edições 70 (tradução da 3ª ed. revista e aumentada do original espanhol *Gramática Portuguesa*).
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley F. L., (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara, (1998), *Processos de expressão do aspecto na língua portuguesa*, Lublin, Wydawnictwo UMCS.
- MATEUS, Maria Helena MIRA, BRITO, Ana Maria, DUARTE Inês, HUB FARIA, Isabel, (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina.
- SILVA, Paulo NUNES da, (1998), *Os „Tempos Compostos” do sistema verbal português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- STEN, Holger, (1973), *L' emploi des temps en portugais moderne*, Copenhagen, Munksgaard.

Contribuições em volumes colectivos

- IRMEN, Friedrich, (1993), “A temporalidade dos tempos verbais em português: o futuro”, em: Schmidt-Radelfeldt (Hrsg.), *Semiótica e linguística portuguesa e românica: homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*, Tübingen, Narr, pp. 151-161.

Artigos em revistas

- BOLÉO, Manuel de PAIVA, (1974), “Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português”, em: *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. 41, pp. 87-115.
- LIMA, José PINTO de, (1998), “A temporalidade como ponto de chegada de um processo de gramaticalização”, em: *Revista Portuguesa de Filologia*, t. 22, pp. 341-361.
- OLIVEIRA, Fernanda, (1985), “O futuro em português: alguns aspectos temporais e/ou modais”, em: *Actas do I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 353-373.

Ligações de internet

HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara, (1999), “Algumas observações sobre o emprego do Futuro do Indicativo em polaco e em português”, em: <http://www.lusitanistasail.net/revista/veredas4.html> (5.12.2009).

Abreviações utilizadas:

CNV – Correia, Hélia, (1982), *O Número dos Vivos*, Lisboa, Relógio d’Água

FPS – Ferreira, Vergílio, *Para Sempre*, em: <http://www.scribd.com/doc/14776603/Ferreira-Vergilio-Para-sempre-Livro>